

ALBERTO SOUTO

Socio correspondente do Instituto Etnológico da Beira,
do Instituto Histórico do Minho,
da Associação dos Arqueólogos Portugueses



JOAQUIM
DE
MELO FREITAS
bibRIA
DESPEDIDA FUNEBRE,

junto ao Monumento dos Martires da
Liberdade, no cemiterio de Aveiro,
em 9 de Dezembro de 1923.

1924

—
Tipografia Progresso
AVEIRO



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

FUNDO
LOCAL



002749

REGISTRO N.º 2447

ALBERTO SOUTO

Presidencia de la Republica de Chile
Ministerio de Fomento
Instituto de Estadística y Censos



JOAQUIN

DE

MELO FREITAS

bibRIA

Junio de 1900
Librería de la Avenida
en 9 de Diciembre de 1900.



BIBLIOTECA

FUNDO
LOCAL

1900
BIBLIOTECA



Em Aveiro. Longe do grande mundo, sem que a grande imprensa falasse, sem que o grande publico o soubesse, foi a enterrar um varão ilustre que, tendo vivido apenas para o pensamento e para o sentimento, teve na sua morte uma consagração local que constituiu um acto belo e comovente de civismo.

A pequena cidade do Vouga conheceu que tinha perdido um dos seus mais distintos filhos; o paiz ficou ignorando a vida e a morte de um português de lei e de valor.

E as esferas continuaram rolando nos espaços indiferentes...

O feretro do dr. Joaquim de Melo Freitas saiu dos Paços do Concelho pela meia tarde dum domingo serenissimo de dezembro.

Conduziam-o os bombeiros voluntarios, rodeavam-o os estandar-tes de todos os clubs, de todas as associações, de todas as colectividades da cidade, cobria-o a bandeira de damasco e oiro do município, seguiam-o os amigos, as representações e a academia, acompanhava-o o povo—o seu povo, a sua terra, o seu Aveiro.

E o morto fôra apenas um orador, um escritor, um amigo do seu torrão natal, um idealista... E' enternecedor.

Espetaculo tocante o desse cortejo funebre, simples e imponente, impressionante e modesto, formando-se em silencio, com uma ordem expontanea e uma compos-tura singular, em frente á estatua de José Estevam e terminando junto ao monumento onde se guardam as cabeças dos aveirenses que por um sonho de liberdade deixaram a vida nas alçadas do Porto!

Bandeiras, fitas, flores, multidão, sol... não parecia um enter-

ro, semelhava um triunfo! Efetivamente a alma daquele homem generoso e bom, homem de fé e de ideal triunfava da materia e da morte!

E na base desse monumento, onde tantas vezes ele falára para cumprir os seus deveres de gratidão civica e para se despedir dos conterraneos e dos amigos que faziam a derradeira jornada, diziam-lhe agora o ultimo adeus, seu proprio filho, o dr. Jaime de Melo Freitas, o governador civil sr. Julio Cruz, Acacio Rosa, antigo jornalista e distinto publicista, e Jaime de Magalhães Lima, cuja oração vernacula e profunda, era digna de ser ouvida nos degraus do Capitolio ou no alto da Acropole...

Acercando-se do mar rumorejante, o sol de dezembro caía num desmaio.

A' volta, na terra, no campo, nos canais, nas serras, calma e silencio.

Perante a multidão descoberta

e recolhida, o presidente do Senado Municipal de Aveiro disse este humilde adeus.

Pobres palavras!...

Mesquinhas palavras!...

Fiquem elas somente para testemunharem, ainda mais que a admiração, a amizade e a saudade de quem as disse, a sincera homenagem dum povo reconhecido!


bibRIA

SENHORES:

Se apenas a amizade em mim tivesse de falar, eu não ergueria aqui a minha voz porque não ha eloquencia maior que a do silencio para exprimir a saudade, o sentimento e a dôr que levam ás lagrimas...

Mas ha um dever mais alto clamando na minha consciencia e na representação que tão mal de-tenho: é o dever de prestar a este morto querido e aveirense illustre, a homenagem da cidade que ele tanto amou e tanto enobreceu.

E' que o dr. Joaquim de Melo Freitas não foi um homem vulgar e em Aveiro foi um cidadão distinto entre os distintos.

A consagração que se lhe faz era-lhe devida e honra o povo de

Aveiro, porque é uma prova do seu civismo, da sua gratidão e da sua espiritualidade; serve de incentivo e exemplo e demonstra virtudes que muitos julgam apagadas nesta epoca torva de materialidade e egoísmo.

Joaquim de Melo Freitas bem mereceu esta homenagem. Alma privilegiada e eleita, amou tudo quanto era justo e quanto era bello, mas mais que tudo ele amou esta terra de que foi durante meio seculo um crente, um arauto, um cantor e um paladino.

Nas ideias e nos sentimentos um nefelibata e um romantico, sincero, franco, generoso: liberal á 1820 e 36, democrata á moda de 90, republicano desinteressado, cavalheiresco e modesto como os precusores de 1910; esfu-siante de graça, enternecido de dor, revoltado contra a injustiça, belo como um grego antigo quando contemplava a Grandeza e o Genio!

Duma honradez severa, duma

bondade enternecedora, dum pun-donor medieval, duma educação primorosa, duma distinção galante, duma jovialidade comunicativa, duma tolerancia nobilissima, duma lealdade sem confrontos, Melo Freitas foi entre nós o ultimo abencerragem duma geração que marcou epoca na vida portuguesa e foi o cavaleiro andante do bom nome e da galhardia desta terra—paixão e sonho de toda a sua vida, dama eterna por quem ele quebrou lanças nos torneios, para quem tecer grinaldas nos seus escritos, para quem conquistou louros imarcescíveis na tribuna de que foi um incontestavel e inconfundivel ornamento.

Conversador de raça, publicista, orador, critico; dispersando, pulverizando, esbanjando o seu talento enorme em mil pequenas produções, tratando na conversa, no artigo, no livro, na conferencia e no discurso os mais diversos, difíceis e ingratos assuntos: semeador de verve, de graça, de

alegria educativa e sã, faltou-lhe apenas a obra disciplinada e profunda que o seu espirito era capaz de conceber, mas que esta terra—samente—impediou e impossibilitou.

Não se julgue estranha a afirmação : é que ha em Aveiro um encanto misterioso, no ar, na luz, no ceu, no verde das agras, no riso das crianças, no donaire helenico das mulheres, na dolencia das aguas, no cheiro da marezia, na sedução da planura, nas cores dos poentes, que nos envolve, inebria, perturba, arrasta e inutilisa para as obras de rigoroso labor mental e só nos torna poetas, bohemios, romanticos e sonhadores !

Melo Freitas, aveirense até á medula, teria subido alto se quizesse, mas não poudo reagir contra a magia desta sereia que é a nossa terra, caíu-lhe nos braços, deu-se todo a ela e apagou se na humildade do nosso viver, fazendo uma obra e uma vida essen-

cialmente aveirenses: gracil como as suas *Violetas*, vaporosa como o nosso ambiente, *transparente* como as suas *Ironias*, inconsistente como a neblina da nossa paisagem; mas toda Aveiro, repassada de beleza e de ideal, impregnada de democracia, olorante e cantante de liberdade como todo o espirito deste povo que ele encarnou e consagrou.

Mas foi, entre nós, distinto, brilhante, admiravel, e aveirense como ninguem, ou melhor, como nós o deviamos ser sempre em todos os lances, perante tudo e perante todos!

Faz uma falta imensa a Aveiro essa figura dos tempos idos, espirituosa, viva, gentil, sempre moça no garbo e nas ideias, no aprumo fisico e no aprumo moral, que fazia as honras da terra a todos os hospedes e levava a toda a parte a fama desta cidade que mercê do seu talento, do seu bairrismo, do seu trato, da sua illustração e do seu

aplomb, muitas vezes appareceu aos olhos dos estranhos maior do que era, e superior ao que valia.

Faz falta esse orador que, entre as *suas historias*, tinha rasgos tribunicios de subido quilate e verdadeira eloquencia, na ideia e na forma, na imagem e na linguagem; improvisador espantoso, exuberante de memoria, cheio de sentimento, rico de evocações e prodigo dos seus meritos, que nunca deixou passar um momento de tristeza ou de alegria do seu berço, uma hora de luto ou de festa do nosso povo, um instante de desgraça ou de triumpho da Patria ou da Humanidade sem que a harpa da sua voz soltasse ao vento os seus acordes, interpretando o nosso sentir e fazendo vibrar em unisono as cordas da nossa alma!

Quem ha aí que o possa substituir?

Qual de nós sentiria forças e teria dotes para preencher esse

logar que ele criou na nossa terra e desempenhou com tanto talento, com tanta bondade e com tanto relevo?

Nenhum !

Melo Freitas, havia um só, e esse levou-o a morte deixando um crepe eterno a cobrir o seu logar, aberto e vago para sempre nesta terra que o pranteia !

Aqui estou eu que fui seu discípulo na paixão bairrista, mas que me senti sempre velho junto das suas brancas e sempre insignificante, mais que insignificante—nulo!—em face das suas faculdades !

E perante a sua morte sinto morrer alguma coisa na minha alma de aveirense !

Sinto chorar em mim a alma da nossa terra! Sinto luto no ar, nos rostos, nas almas, nas coisas—sinto frio no coração !

E' a alma dos aveiros a chorar dentro de mim a perla de tão saudoso amigo !

* * *

Fogem para longe a hibernar na quentura de terras longinquas e misteriosas, ao chegar do inverno, as andorinhas.

Emudecem nas balsas, quando o verão incandesce e as rosas murcham, os rouxinóis do maio florido e morno.

No cair desta invernia em que o ceu se desfaz em lagrimas sobre a poesia do passado e a terra se encharca do materialismo, egoista e grosseiro da epoca, calou-se a garganta do nosso rouxinol que durante 50 anos gorgoeou nos muros da nossa terra, embalando, educando e encantando umas poucas de gerações.

Pois que descance no seio de Deus o seu espirito, mas enquanto viver um aveirense como eu, que o ouviu, o eco da sua voz ha-de ser intendido sempre, ao voltar da primavera, nos rouxinóis que costumam vir cantar-nos, á encosta deste ce-

miterio, as saudades dos nossos maiores!

* * *

Em nome de Aveiro—homagem, gratidão e saudade imperecível ao seu dileto filho! A'quele discipulo fiel do imortal espirito de José Estevam que com mais emoção e maior paixão soube encarnar todo o anseio da alma simples, popular, democratica, liberal e afetiva da nossa querida terra!

Saudoso amigo, illustre aveirense, querido conterraneo, patriota insigne, portuguez de lei—oh! bom! oh! justo!—em nome de Aveiro—adeus!



ALBERTO SOUTO

Socio correspondente do Instituto Etnologico da Beira,
do Instituto Historico do Minho,
da Associação dos Arqueologos Portugêses



JOAQUIM
DE
MELLO FREITAS
bibRIA
DESPEDIDA FUNEBRE,

junto ao Monumento dos Martires da
Liberdade, no cemiterio de Aveiro,
em 9 de Dezembro de 1923.

1924

—
Tipografia Progresso
AVEIRO



Publicações do autor

As Pescarias da Terra Nova na Economia Portuguesa.

Evolução Historica do Seguro.

Da Instrução Contraditoria nos Feitos Crimes.

A Educação de Sparta.

Escudelas das Fragas (marmitas eolianas na Serra da Estrela).

Apontamentos sobre a Geografia da Beira-Litoral. I—ORIGENS DA RIA DE AVEIRO.

Joaquim de Melo Freitas—Despedida funebre.





Joaquim de Melo Freitas